

LITERATURA E PSICANÁLISE:

“O ESTRANHO”

a tensão do “E”

Ana Maria Portugal
UFMG

Entre Psicanálise e Literatura, ou entre Literatura e Psicanálise, situamos o “e” da questão em “O Estranho”, ensaio de Freud de 1919, à medida que ele mantém a tensão do “e”, sem permitir uma superposição dos campos, devendo um remeter ao outro.

O ensaio compõe-se de um entrecruzamento de textos literários, exemplos pessoais de Freud e da clínica psicanalítica. Nas palavras de Hélène Cixous, trata-se de um “estranho romance teórico” (*Prénoms de personne*, 1974: 14), sugerindo que o texto se contamina pelo tema que desenvolve, destilando estranheza a cada passo, e, de maneira descontínua, promete esclarecimentos que não consegue alcançar. Freud, como “narrador estranhado”, deixa-se conduzir pela mão da escrita, apresentando-nos saltos e citações aparentemente arbitrárias, provocando estranhamento.

O campo do estranho impõe, no entanto, certa familiaridade. *Unheimliche* tem sua raiz em *Heim* (casa, lar). Portanto, é uma estranheza familiar que toca à experiência do Real, na implicação de cada um em relação ao tempo sem memória da constituição do ser na linguagem. Neste lugar revela-se o inédito, o que espera por uma tradução: é aí que a ficção sobre o estranho apóia-se nos fatos do inconsciente, principalmente em seu fundamento inapreensível e intraduzível, sem ser, todavia, claramente da ordem do fantástico. Mas, por outro lado, falar do estranho exige que se fale da ficção: o estranho surge no levantar das cortinas, numa dimensão de expansão, que constitui a ação dramática, como um enquadramento da angústia, do desamparo e da solidão.

“*Ange = étrange, estrange = étranger...*”, escreve Paul Valéry, ao que Lacan, sobre o trabalho do analista, perfurando a face serial do significante, acrescenta: *étrange, être-ange* (*Encore*, 1975: 12), e nós deslizamos para *lettre-ange*, letra-anjo: a perda do sentido por esse corte que o “estranjo” introduz, com seu duplo aspecto fulgurante e aniquilador (como os anjos de Benjamin), impulsiona ao trabalho da escritura, marcando a letra da experiência estranha como litoral (Lacan, *Lituraterre*, 2001).

Na Psicanálise, temos o sentimento de estranheza – *Entfremdungsgefühl* (Freud, “Um distúrbio de memória na Acrópole”, 1936) e o Real como “ex-sistente”, proposto por Lacan. Nas teorias da narração e da escritura, encontramos a associação da escritura com a morte (Barthes, *O rumor da língua*, 1988) e, essencialmente, o “exterior” proposto por Maurice Blanchot (*L'écriture du désastre*, 1980).

O fenômeno da angústia é esse surgimento do *heimlich*, do familiar/clandestino – este é o sentido atual do termo *unheimlich* –, enquadrando a cena no mundo. Num certo

sentido, a angústia tem a ver com o hóspede desconhecido, *unheimlich*, que nunca passou por um reconhecimento. Mas que não engana. Em relação à angústia, Literatura e Psicanálise trabalham para dar forma, por meio da ficção, suposição e fingimento, campo do *semblant* na lida com o Real. A báscula do falso/verdadeiro sempre permeou a experiência de ambas: o *Unheimliche* – o estranho – é o ponto em que a ficção é bem real, como o abraço imprevisto do objeto *a* – causa de desejo – em plena trama da ficção.

No conto exemplar do *Unheimliche*, “O Homem de Areia”, de Hoffmann, o vidro mantém, nas cenas, a aproximação/separação: por detrás dos óculos, das lentes do demoníaco Coppola e até na voz de Olímpia, tão peculiar que evocava sinos de vidro. Somente Clara, evocada como anjo, impele Natanael à travessia do vidro, pois “estranhamente”, ao ver a gigantesca sombra da torre projetando-se na praça do mercado, convida-o a subir às alturas, de onde ele se projeta, atraído pelo Real, desconhecendo a balastrada. Rompeu-se o *semblant* desenhado pela sombra da torre. Coube ao escritor fazer, com o *Unheimliche*, litoral.

